



B5-395 Ação educativa contra o uso de agrotóxicos na universidade aberta à Maturidade – UAMA/UEPB/BRASIL

Araujo, Julyanner Leite Mélo Regis de (Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/
julyannerleite@gmail.com);
Santos, Adriano Sebatião dos (UEPB/ adriano_santos198@hotmail.com);
Bezerra, Mariana Coelho (UEPB/ mary.uepb@hotmail.com);
SANTOS, Shirleyde Alves dos (UEPB/ shirleyde.santos@gmail.com)

Resumo

Desde 2008, o Brasil se tornou o campeão mundial na utilização de agrotóxicos, e isso tem deixado nossa população cada vez mais doente. O presente relato narra as ações do projeto que foram desenvolvidas com os idosos do grupo de convivência da UAMA. O curso Agrotóxicos: impactos à saúde humana, animal e ambiental, foi oferecido em 4 encontros, em março e abril de 2015. Os objetivos desta ação foram: sensibilizar os participantes quanto à importância da luta contra os agrotóxicos; apresentar a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida; compreender os motivos pelos quais não devemos utilizar os agrotóxicos; e fomentar a discussão sobre a Agroecologia. A avaliação desta ação foi bastante positiva. Além de todas as informações que foram compartilhadas sobre os agrotóxicos, foi possível também divulgar as experiências agroecológicas. Os idosos fizeram vários elogios ao curso e, principalmente, à vivência na propriedade agroecológica.

Palabras claves: Agroecologia; Educação e Saúde; Extensão Universitária.

Descrição da experiência

O processo produtivo agrícola brasileiro está cada vez mais dependente dos agrotóxicos e fertilizantes químicos. Segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária e do Observatório da Indústria dos Agrotóxicos da Universidade Federal do Paraná, divulgados durante o 2º Seminário sobre Mercado de Agrotóxicos e Regulação, realizado em Brasília, em abril de 2012, enquanto nos últimos dez anos o mercado mundial de agrotóxicos cresceu 93%, o mercado brasileiro cresceu 190%. E, desde 2008, o Brasil se tornou o maior consumidor mundial de agrotóxicos (CARNEIRO et al, 2015).

O uso intensivo e indiscriminado de agrotóxicos tem se constituído um grave problema de saúde pública tanto para as famílias agricultoras, que tem contato direto com essas substâncias, como para o consumidor, que tem ingerido, muitas vezes sem a menor noção de riscos, alimentos contaminados.

Antigamente acreditava-se que viver no campo era sinônimo de qualidade de vida, de vida saudável. Hoje o que temos são inúmeros relatos de pessoas que desenvolveram sérias doenças provocadas pelos agrotóxicos, principalmente em famílias de agricultores. Casos de abortos, má formação congênita em bebês que a mãe ou o pai tiveram contato com agrotóxicos; muitas pessoas desenvolvem doenças porque moram próximo a plantações onde se usa muito veneno; alimentos com altas taxas de resíduos de agrotóxicos também podem ser capazes de produzir efeitos a longo prazo nos consumidores, e estes provavelmente nunca saberão que as doenças que os afligem foram provocadas pelos agrotóxicos (LONDRES, 2011, CARNEIRO et al, 2015).

Neste contexto, surgiu a proposta de desenvolvimento de um projeto de extensão que possa sensibilizar agricultores familiares e a população em geral para o grande problema que é o



uso de agrotóxicos, e, ao mesmo tempo, divulgar a Agroecologia, como uma possibilidade de um futuro melhor, de qualidade de vida para as populações rurais e urbanas.

A UAMA, da Universidade Estadual da Paraíba, foi criada em 2009, e tem como meta atender a demanda educativa de idosos, contribuindo na melhoria das capacidades: pessoais, funcionais e sociais, por meio da formação e atenção social, que visa a criar e dinamizar regularmente atividades sociais, culturais, educacionais e de convívio, favorecendo melhoria na qualidade de vida.

O curso tem uma duração de quatro semestres, com atividades teóricas, práticas e extracurriculares desenvolvidas a partir dos eixos: Saúde e Qualidade de Vida; Educação e Sociedade; Cultura e Cidadania e Arte e Lazer. Devido ao êxito do programa junto à população, houve a criação também do Grupo de Convivência destinado aos alunos egressos da UAMA, o qual se configurou como uma alternativa para dar continuidade aos amplos benefícios por eles obtidos ao longo da formação. Este grupo se encontra 1 vez por semana, para participar de cursos de curta duração sobre diversos temas.

O presente relato narra a ação educativa que foi desenvolvida com os idosos do grupo de convivência da UAMA. O curso denominado Agrotóxicos: impactos à saúde humana, animal e ambiental, foi oferecido em 4 encontros, onde foram trabalhados os seguintes temas: Introdução ao tema agrotóxicos; Por que não se deve usar agrotóxicos; Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida; A Agroecologia como alternativa. O curso foi realizado no meses de março e abril de 2015.

Os objetivos desta ação educativa foram: Sensibilizar os participantes quanto à importância da luta contra os agrotóxicos; Apresentar a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida; Compreender os motivos pelos quais não devemos utilizar os agrotóxicos e de que forma eles têm impactado, direta e indiretamente, a vida dos trabalhadores do campo, a natureza e a saúde do planeta; e Fomentar a discussão sobre a Agroecologia.

Resultados e Análise

No primeiro encontro apresentamos a equipe e a proposta do curso. Em seguida, iniciamos uma conversa para identificar o conhecimento dos idosos sobre o tema. Vários deles já tiveram ou ainda tem uma relação com a zona rural, seja como residência ou trabalho (agrônomos).

Destacamos aqui dois relatos: de um idoso que trabalhou na produção de algodão, em uma época em que essa cultura foi atingida por uma praga. Ele citou que foi utilizada uma grande quantidade de veneno para combater a praga e, mesmo assim, a produção foi extremamente prejudicada. Uma agrônoma aposentada relatou a sua experiência na época da faculdade, e as dificuldades que enfrentou por se posicionar contra o pacote tecnológico.

A Revolução Verde, modelo imposto ao mundo após a II Guerra Mundial, tinha como lema acabar com a fome mundial, contribuindo para aumentar a produção e produtividade de alguns cultivos e criações em algumas regiões do planeta. Uma das estratégias foi a implantação de pacotes tecnológicos que incluíam uma utilização intensiva de insumos químicos e agrotóxicos. Este pacote foi amplamente divulgado por instituições de assistência técnica, e instituições de ensino e pesquisa no Brasil.

Após esse primeiro momento, foi exibido o documentário “O veneno está na mesa II”. Apesar dos dados alarmantes sobre o consumo de agrotóxicos no Brasil, o objetivo da



exibição deste documentário foi alertar a turma, mas também iniciar a discussão sobre a agroecologia.

Em 2011, o diretor Silvio Tandler lançou o documentário “O veneno está na mesa”, que aborda como a chamada Revolução Verde do pós-guerra acabou com a herança da agricultura tradicional. O documentário tem como foco a denúncia e o alerta à população em geral. Depois do sucesso do primeiro filme, Silvio Tandler, em parceria com a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, lança o Veneno está na Mesa II, em 2014. Desta vez, o foco é na agroecologia que prova que é possível alimentar o Brasil e o mundo sem venenos.

No segundo encontro apresentamos alguns dados sobre os riscos dos agrotóxicos à saúde humana. Utilizamos como referência os dados publicados pela ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva e pelo INCA – Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva.

Um terço dos alimentos consumidos cotidianamente pelos brasileiros está contaminado pelos agrotóxicos; dados recentes disponibilizados pelo Sinan-MS indicam que as intoxicações agudas por agrotóxicos no país já ocupam a segunda posição entre as intoxicações exógenas notificadas (CARNEIRO et al, 2015).

O INCA publicou, em abril de 2015, o seu posicionamento contra as atuais práticas de uso de agrotóxicos no Brasil, ressaltando os riscos à saúde da população, em especial nas causas do câncer. O INCA destaca ainda que a liberação do uso de sementes transgênicas no Brasil foi uma das responsáveis por colocar o país no primeiro lugar do ranking de consumo de agrotóxicos (INCA, 2015).

Ouvimos o relato de vários idosos sobre casos de intoxicação por agrotóxicos que eles já tiveram conhecimento. Destacamos aqui dois relatos: de uma idosa que perdeu um irmão com um câncer fulminante, após trabalhar vários anos em plantações de tomate; e o relato de uma idosa sobre uma sobrinha que foi morar na região Norte do Brasil, em uma cidade onde predomina o agronegócio, e voltou após alguns meses com uma doença degenerativa que até hoje ainda não tem diagnóstico definido, mas que provavelmente tem relação com a exposição a agrotóxicos.

No terceiro encontro apresentamos a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida.

A Campanha foi iniciada em 2011, através do esforço coletivo, assumido por um conjunto de organizações e pessoas, que visa combater a utilização de agrotóxicos e a ação de suas empresas (produtoras e comercializadoras), explicitando as contradições geradas pelo modelo de produção imposto pelo agronegócio. A Campanha luta por um outro modelo de desenvolvimento agrário, por uma agricultura que valoriza a agroecologia ao invés dos agrotóxicos e transgênicos, que acredita no campesinato e não no agronegócio, que considera a vida mais importante do que o lucro das empresas.

Apesar da divulgação da Campanha a nível nacional desde 2011, a maioria dos idosos não conhecia. Além da divulgação do site, foram distribuídos panfletos informativos da Campanha para que os idosos possam divulgar com amigos e familiares.

Ainda na terceira oficina, foram trabalhados os boletins O Candeeiro, produzidos pela AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia, associação sem fins lucrativos que, desde 1983,

atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil, e pela ASA/PB – Articulação no Semiárido Brasileiro.

A turma foi dividida em 3 grupos e cada grupo recebeu um boletim com uma sistematização de experiência de agricultura familiar da Paraíba. Os grupos conheceram a experiência, discutiram e depois apresentaram para os outros grupos. Foi um momento muito rico de compartilhamento. Uma idosa fez um relato extremamente emocionante sobre a sua experiência como filha e esposa de agricultor.

No último encontro fizemos uma visita a uma propriedade agroecológica em Lagoa Seca, Paraíba. O Sítio Almeida é uma propriedade de apenas 1ha de terra que serve como exemplo do uso racional e sustentável dos recursos ambientais, seguindo os princípios da agroecologia.

Nesta visita, foi feita uma caminhada pela propriedade, e uma roda de diálogo com os agricultores e os idosos. Os idosos tiveram a oportunidade de conhecer a realidade de uma família que vive da agricultura, sem nunca ter utilizado agrotóxicos (Figura 1). No final da visita, foi servido um lanche coletivo e os idosos puderam comprar alguns produtos que são cultivados na propriedade.

A avaliação desta ação educativa foi bastante positiva. Além de todas as informações que foram compartilhadas a respeito dos impactos dos agrotóxicos à saúde humana, animal e ambiental, foi possível também divulgar as experiências agroecológicas da região. Os idosos fizeram varios elogios ao curso e, principalmente, à vivência que tiveram no Sítio Almeida.

O projeto não para por aqui. Mais ações estão sendo desenvolvidas para que cada vez mais a população seja informada sobre os riscos dos agrotóxicos, sobre alimentação saudável, e sobre a produção agroecológica em prol de um mundo mais justo e mais saudável.



FIGURA 1. Visita dos idosos da UAMA ao Sítio Almeida, em Lagoa Seca, Paraíba, Brasil.



Referências bibliográficas

- Carneiro FF et al (2015) Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular.
- INCA. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (2015). Posicionamento do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva acerca dos agrotóxicos. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/comunicacao/posicionamento_do_inca_sobre_os_agrotoxicos_06_abr_15.pdf>. Acesso em: 10 Mai 2015.
- Londres F (2011) Agrotóxicos no Brasil: um guia para ação em defesa da vida. Rio de Janeiro: AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura alternativa.